

A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA —

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Sede provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Officinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

PORQUE NÃO SÃO FRANCOS?

Ocupámo-nos já de mais uma tentativa divisionista no seio do proletariado português, mas não será demais voltarmos ao assunto, porque ele bem o merece.

Não é que queiramos fazer polémica, se bem que esta, quando é conduzida entre contendores de boa fé, só utilidade possa trazer como obra de esclarecimento.

Mas não podemos deixar no vácuo a frase: «actuar para servir a classe trabalhadora».

Já o dissemos: na realidade o que se pretende, por parte de todos os divisionistas dos dois sectores marxistas, é conquistar a classe operária para esta servir qualquer dos dois partidos.

Há muito que está demonstrado que os partidos só trazem o enfraquecimento da classe operária.

Com efeito, nós não compreendemos como se queira a emancipação do proletariado, como classe, e ao mesmo tempo se pretenda dividi-lo com as tendências partidárias.

Sabemos muito bem que qualquer dos partidos deseja no seu seio o grosso da massa trabalhadora, posto que, assim, cada um deles, supõe poder instituir uma fórmula social apoiada nessa massa do proletariado.

Mas uma coisa é essa fórmula social, inevitável e, por natureza própria, dogmática, em que venha a apoiar-se uma nova forma de Estado, que, como tal, será tanto conservador como opressor e outra coisa é a emancipação dos trabalhadores realizada pelo seu próprio esforço, tendo em vista a liberdade e o bem estar geral.

Se em verdade se quer «servir a classe operária» não se lhe deve apontar a porta dum partido cuja acção e objectivos são iminentemente governamentais. Servir a classe operária é apontar-lhe o caminho da libertação moral e política e o caminho da emancipação económica.

Modalidades estatais em que fique a predominar o capitalismo escravizador e truculento, seja sob o aspecto explorador burguês e individualista, seja sob o aspecto não menos explorador do capitalismo de Estado—tais modalidades não resolvem em coisa alguma o problema da emancipação do proletariado.

Conservam-no. E não nos parece que a manutenção da exploração do homem pelo homem, seja sob que aspecto for, tenha alguma coisa

que vê com a emancipação dos trabalhadores.

«Servir a classe trabalhadora» não é, e nunca será, ladear os problemas máximos e principais que interessam o proletariado, deixando-os sem solução ou modificando-lhes apenas o aspecto.

Servir a classe operária é abrir-lhe clareiras de luz, para que ela veja claramente todos os horrores da sua situação, e adquira, ela própria, a noção exacta do imenso, do formidável trabalho que tem de realizar para conquistar o seu bem estar e a sua liberdade.

Tudo que não seja isto, pode ser o que qualquer partido entenda segundo o seu programa governamental; mas nesses casos o interesse do partido é colocado acima do interesse do proletariado: a classe trabalhadora servirá só para o auxiliar na conquista do poder e isto é a antítese do que os scissionistas apregoam para levarem a água ao seu moinho.

Mas porque será que, ao menos uma vez na vida, não são precisos, francos, categóricos, estes partidos?...

CURIOSO

A FRENTE ÚNICA MILITARISTA GERMANO-RUSSA

Segundo os «Reichstag-Verhandlungen» oficiais (sessão de 22 de Maio de 1930) foi feita a seguinte comunicação no Reichstag, pelo deputado social-democrata Kennstler:

«Os deputados burgueses queixaram-se de que um número avultado de oficiais russos participem nas manobras militares alemãs. Sabe-se, nos lugares bem informados que o comandante da «Reichswehr», Heim, foi a Moscovo, depois da visita do general von Hammerstein. Teria ali tomado parte numa ceia oficial à qual teriam assistido, juntos com outros oficiais superiores do exército vermelho, Woroshiloff (ministro da guerra) e—embora hóspede de honra—Max Hoels, condecorado com a ordem da Bandeira Vermelha.

Nenhum desmentido foi publicado a este respeito e, por isso, a sua exactidão não pode ser posta em dúvida».

A esta declaração não respondeu o ministro da «Reichswehr» com a clareza exigida, tendo rodeado o assunto e declarado que tal comunicação denotava irresponsabilidade do deputado que a fez, tanto mais pertencendo a um agrupamento político, recentemente, ainda, governante.

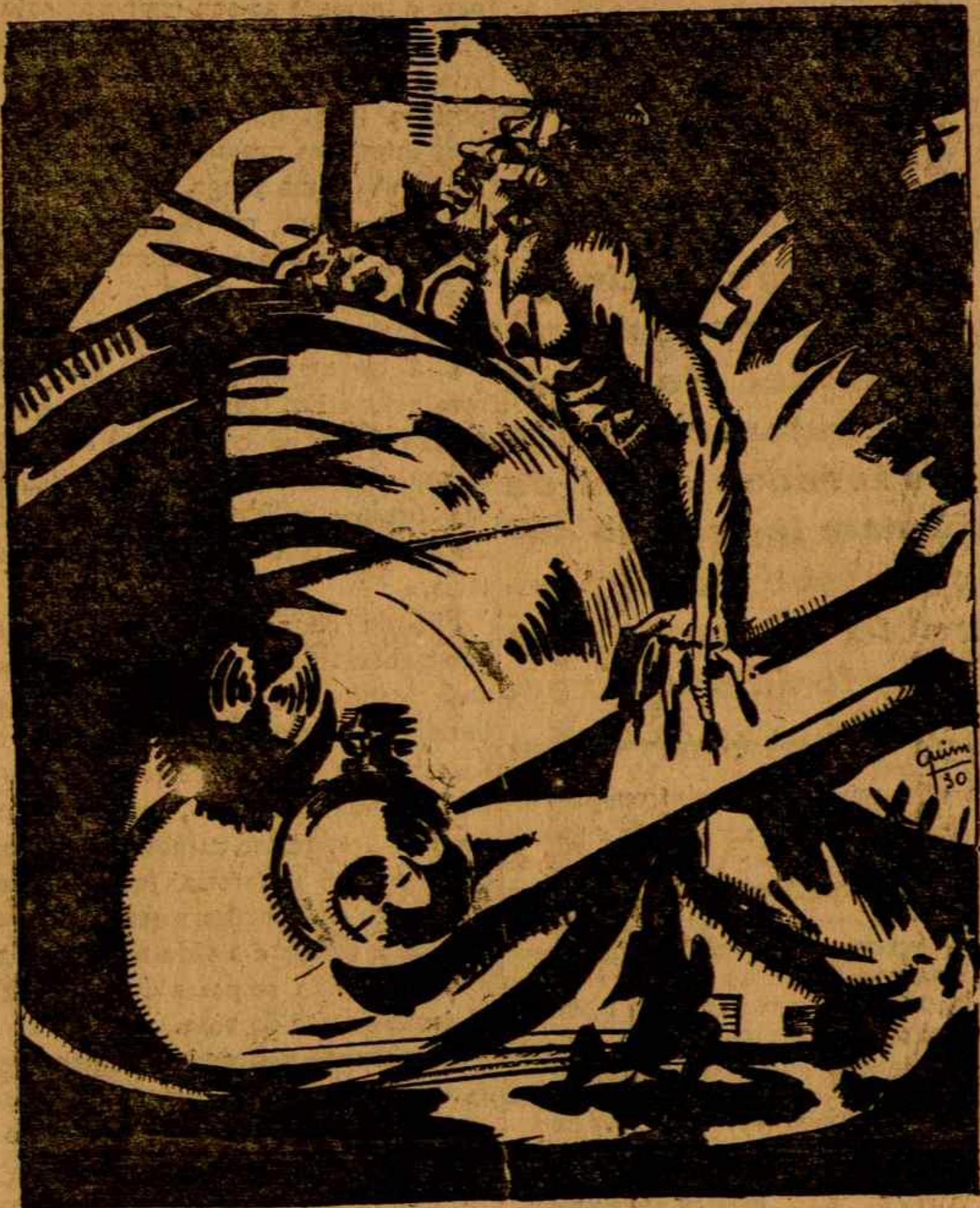
A ordem reina

O exército mandchu apoderou-se de Nankim, fazendo ali reinar a ordem. Carrascos e guardas tem tido muito que fazer.

Nas Índias, em Jauvel, perto de Bombaim, houve um motim. Resultado quinze mortes.

No Chile, no Brasil, na Bolívia, na Argentina, no Perú e em Cuba tentativas, com e sem sucesso, de substituição duns governantes por outros.

A VITÓRIA DO TRABALHO



PARADOXOS

Educação física

Em Portugal também se pensa e se insiste no agrupamento da juventude, com o letrado exterior duma educação física, conveniente ao robustecimento da raça—expressão sem correspondente na realidade, como se por si só, encerrasse uma verdade absoluta.

O que se pretende com esse agrupamento?

Na Rússia e na Itália, os respectivos governos aproveitaram a mocidade das escolas para os seus fins políticos. Num, os pioneiros são a guarda avançada dum povo a caminho duma uniformização enervante. Sob um fardamento em todos igual, marchando atrás de toques que entusiasmassem e fazem esquecer a personalidade, os rapazes vão sofrendo deformação mental, pelas sistemáticas prédicas, regras morais e prescrições, que criam a obediência em prejuízo da iniciativa, do auto-raciocínio e do pronto discernir, quando em frente do desconhecido. Desaparecem, como se verifica, as qualidades mais importantes e necessárias ao desenvolvimento individual. O indivíduo—quando tenha por detrás regras, imposições disciplinares e talas na inteligência e na razão—terá de consultar nos actos menos importantes da sua vida, o código, para pesar as opiniões, controlar os seus desejos e reprimir as manifestações da sua inteligência.

Estes inconvenientes são tanto mais fortes quanto mais fechado é o agrupamento e mais este está sob o domínio do Estado. Por isso na Rússia e na Itália, a mocidade sofre a maior deformação, a mais penosa e angustiante deformação, dos seus sentimentos, das suas ideias sobre a vida e sobre as coisas.

Em Portugal, não estão os jovens tão ameaçados. A mocidade conserva certas possibilidades de vida fora das influências dessas instituições daninhas. Viciada, é certo, por todos os preceitos morais e religiosos que a família lhe incute, tem contudo a possibilidade de não matar essas influências pelo menos atenuar os seus efeitos, porque o convívio estabelecido entre si—e como são várias as influências familiares—permite um controle. Dai o desaparecimento ou atenuação dessas influências, porque—é bom acentuá-lo—é mais forte a influência, do convívio com camaradas da mesma idade, pela corrente de simpatia que existe, do que a exercida pelo convívio com a família, onde o desencontro das idades, a existência de barreiras, pela diferença de sentimentos e de formas de encarar a vida, impedem a existência de tais correntes de simpatia.

Em todo o caso os conservadores e os reaccionários veem lançando a rede, pretendendo apanhar um núcleo de rapaziada, com a isca da educação física e da necessidade de revigorar a raça.

No fundo, porém, eles, apenas, pretendem deformar e corromper a mocidade. Pretendem moldá-la pelos preceitos duma moral velha e rançosa e por regras religiosas. Isto é: desenvolvem os músculos, tornando disformes, retorcidos os sentimentos e a inteligência. Torna os homens fortes de corpo e raquíticos de inteligência, assemelhando-os ao monstro de pés de barro, que sendo de ouro se quebrou nos desfiladeiros da montanha, por que os pés, sendo de barro, se desfizeram e precipitaram o monstro.

Mas é isso o que convém à sociedade capitalista, embora muitos queiram que o homem inteligente e de iniciativa tem um valor muito superior.

O. de Carmo

UM PROBLEMA INTERESSANTE

A Cultura Superior do Operariado

Em face do elevado progresso a que se chegou, em diferentes ramos da ciência, e da complexidade, cada vez mais vasta, da actual civilização, não podemos deixar de convir que a cultura intelectual, é uma das armas mais fortes para vencer, seja em que campo for.

Nós, que labutamos, num esforço constante, pelo triunfo da verdade e da justiça, muito mais precisaremos dessa cultura intelectual, porque os nossos adversários, para oprimirem e explorarem o próximo, estão precisamente fundamentados num direito, embora violento e moral, que uma cultura muitas vezes milenária apoia.

Para destruir esse direito iníquo é precisa a força do número, a união da massa num designio comum, mas também é precisa a força da inteligência, do saber, da razão científica, se não de todos os que sofrem a iniquidade, ao menos duma elite que possa cabalmente desempenhar o seu papel histórico, servindo de habil guia no caminho do ideal.

Precisamos, pois, de adquirir uma elevada cultura, ou uma cultura geral suficientemente profunda e extensa, que possa tornar mais profícua, mais consistente a nossa acção actual e que, ao mesmo tempo, constitua um firme alicerce para uma obra futura mais vasta. Seria trabalho para valer no presente e para se reproduzir fecundamente nos anos que hão-de vir.

Mas, como adquirir o operariado essa cultura? Dá-lhe a actual sociedade meios de o conseguir? E' evidente, que não, pelo menos no que respeita a Portugal.

No estrangeiro, em certos países que caminham à frente da civilização, desta civilização avariada, em que há mais de mau que de bom, já se iniciou, há muito, a cultura superior das classes proletárias, instituindo escolas e universidades oficiais ou criando

centros particulares de preparação intelectual post-escolar.

Compreendeu-se, que, embora essa instrução superior valoriza se, como força revolucionária, a massa trabalhadora, concorreria, simultaneamente, para tornar mais inteligentes os movimentos reivindicadores, o que daria em resultado, menor emprego da violência desumana, beneficiando, de baixo do ponto de vista moral, o ambiente em que labuta o conjunto dos seres racionais.

Compreendeu-se isso, e talvez se não compreendesse. O que é certo é que, fosse pelo que fosse, se enveredou pelo caminho de facultar aos operários uma instrução mais completa, uma educação intelectual mais vasta, em todos os ramos da sabedoria.

Mas aqui nada ainda se compreendeu dessa razão, nem o progresso nos fez chegar à hora fatal em que esse empreendimento tivesse de ser posto em prática. Não admira. Aqui anda-se sempre na rectaguarda de tudo e, o que é pior ainda, faz-se gála des-se atraso e procura-se mantê-lo com todas as ganas.

A instrução superior só é destinada aos ricos, aos privilegiados de berço ou de piratice ocasional. Só os ricos, ou os remediados, ou mesmo uns certos meninos bonitos do funcionalismo, uns tantos protegidos da generosidade publica e particular, teem a faculdade de subir aos cumes da ciência ou de transitar pelos campos da alta sabedoria.

As classes trabalhadoras, são consideradas como não tendo necessidades intelectuais. Para elas, apenas, o esforço rude e a ignorância.

E' certo que existe, entre nós, a Universidade Popular, que algum beneficio, no assunto em questão, tem espalhado. Mas que consistência e vastidão de saber podem de

rivar de simples conferências, embora eloquentes?

Temos também a «Universidade Livre», mas este centro de estudos está reduzido a pouco mais do que um curso comercial, e pela sua organização, não pode satisfazer plenamente as necessidades culturais do operariado.

Que fazer então? Cruzar os braços, fechar os olhos, e deixar correr as coisas tal como vão? O operariado, não deveria antes, já que as entidades oficiais se esquecem do assunto, facilitando a instrução para uns e dificultando-a para outros, iniciar a fundação dum instituto superior, a que poderia chamar-se Universidade Operária, e onde colheria a cultura geral metódica e elevada que falta nas elites dos seus quadros activos?

Eis o que me parece digno de merecer as atenções do operariado português, das suas organizações de classe.

M. O.

DE VENDAS NOVAS

O horário de trabalho nos Empregados no Comércio e nos Corticeiros

VENDAS NOVAS, 10. — Vendas Novas não pode fugir ao grande incremento que a organização vai tomando e a provar o que digo, basta olhar para o que se está passando com os empregados no comércio, que de uma forma enérgica e activa conseguiram que os patrões respeitassem a lei que estabelece em Portugal as 8 horas de trabalho. Escusado será dizer que os honrados comerciantes não gostaram. E daí o terem embriado com alguns dos camaradas que mais se têm manifestado e trabalhado para que a lei se cumpra. Um cavalheiro qualquer, muito conhecido pelas suas ideias liberais, teve a audácia de dizer, para um empregado, que eles vão alcançando tudo quanto querem. Que só lhes falta pegar num chicote e com ele ferir os patrões. E' bom que os camaradas dos empregados no comércio não percam o entusiasmo que têm mostrado e que consigam incutir a camaradas doutras classes mais entusiasmo, indicando o caminho que devem seguir.

—Pelos corticeiros a situação é, francamente, má. Em algumas fábricas os operários estão trabalhando mais que as 8 horas. Isto não está certo. Há muitos camaradas sem trabalho e, quando seja respeitado o horário de trabalho, poder-se-hão colocar mais alguns.

Os industriais andam muito zangados com o fiscal das cortiças por que este não fiscaliza de modo a agradar-lhes. Esperaremos os resultados disso.—(C.).

Os tráfugas das ideias

Despertad de Vigo publicava num dos seus últimos números, um curioso artigo de Fernando Claro. Por ele se verifica não ser, apenas, em Portugal que se registam fugas de anarquistas para outros campos de actividade. Em Espanha também existem exemplares dessa fauna social. O artigo foca, ainda, um problema que merece mais cuidadosa atenção: o valor moral das ideias e as condições éticas que cria.

Segue o artigo:

«Existe uma classe de indivíduos que mudam de ideais com a mesma facilidade com que mudam de camisa. Para esta gente, as ideias são como um traje da moda, qualquer coisa que não faz parte do indivíduo, nem é inerente ao seu temperamento e idiosincrasia. Daí que com tanta facilidade se adopte aquela posição, ou melhor, aquela postura ideal que mais se acomode com os seus interesses pessoais. Esta classe de tráfugas são uma praga, uma desmoralização constante para os ideais que costumam abraçar, aos quais desmoralizam e corrompem, se já não o estão.

«Geralmente, estes actores de falsa democracia costumam primeiro ser furibundos revolucionários. Quando observam que a situação é um pouco perigosa ou comprometedora, começam a descer na escala social até terminar no fundo do pestilento lodacal da política mais ou menos de índole proletária.

Poderia citar uma multidão de tráfugas e charlatões que nos seus princípios foram furibundos anarquistas. Depois, a barriga, os mesquinhos interesses criados fizeram-lhes mudar de rota, virar o leme à nau das suas ambições, aprofundando para mares mais tranquilos, menos borrascosos, onde o movimento, a maresia furiosa se converta em suaves ondulações, a embarcação deslize plácida e serena e a vida nela se torne num remanso, onde se possa descansar tranquilamente o resto da vida.

Nunca pude convencer-me, nem creio que haverá quem me convença, de que o indivíduo que chegou às alturas morais e filosóficas do ideal anarquista, que chegou a compreender-lo e a amá-lo, o renegue sem que

na mudança tenham influído razões egoístas e fins particulares.

Portanto todo o apóstata do anarquismo que se acolhe a qualquer partido político, não é senão um interesseiro que procura na nova posição melhor ambiente para os novos fins que pretende,—fins nunca elevados—, ou mais tranquilidade e expansão, para se emancipar materialmente, quasi sempre à custa dos próprios trabalhadores.

Que não nos venham com a velha cantilena de que querem conquistar o poder político, para depois servir o povo, porque na realidade toda esta gente, que se afasta do único caminho por onde o povo pode chegar à sua redenção, que é o anarquismo, não é ao povo a quem querem servir, mas aos seus próprios interesses. Se verdadeiramente desejassem lutar pela emancipação integral do proletariado, não teriam desertado, fugido, atraído o verdadeiro ideal.

Explica-se perfeitamente que um homem por educação religiosa ou reaccionária, por seu nascimento, estirpe, posição social, etc. Comece gradualmente o progresso das ideias, passando por toda a gama dos seus matizes e terminando nas ideias mais avançadas, mais modernas que a mente do homem tenha chegado a conceber. Isso sucedeu a muitos pensadores e sociólogos, filósofos e artistas, entre eles Firmino Salvochea, Eli-seu e Elias Reclus, e outros mais que agora não recordo nem é necessário citar. O que não se explica, nem pode explicar-se logicamente é que um homem evolucione à maneira dos caranguejos: sempre para trás.

Quere dizer, explicação tem-na, e muito clara, ainda que alguns não a queiram ver: a de salva guardar os seus interesses, pon-do-os por cima dos interesses gerais e servindo, se é preciso de cataplasma, de banho de água morna, com o fim de anestesiar, acalmar o entusiasmo, o optimismo e as ansias da justiça e liberdade do povo.

Estas, e não outras, são na maior parte dos casos, as causas por que esta gente muda tanto a decoração do cenário em que representam a farça. Todos querem ser primeiros actores, jovens galãs, directores de scena. E o povo? Sempre a fazer de comparsa!

Fernando Claro

Verdades sobre o momento

Nunca, como agora, esteve ameaçada a Liberdade dos trabalhadores; nunca como agora, foi tão necessário para os trabalhadores, unir fileiras, trabalhar, demodadamente, pela sua Emancipação.

O problema social, neste momento, precisa de ser olhado com ponderação por todos aqueles que estão, nobremente, empenhados em concorrer para o ressurgimento da Humanidade no seu esplendor próprio e na sua rota verdadeira.

A missão dos Apóstolos de sãs doutrinas é uma só: Orientar as multidões, incutir-lhes na mente o dever imprescindível de se baterem pela sua emancipação, de doutrinar e elucidar, segundo as normas fundamentais da razão e da verdade. E jamais o seu sacrificio será demasiado, atendendo não ser pequeno o número dos que se mantêm numa atitude de erro e de inconsciência tremenda. A maior parte dos operários, esquecem as suas obrigações, afastando-se, inconscientemente, do seu verdadeiro caminho para se emaranharem em coisas absurdas e inconcebíveis.

Tenhamos em vista o foot-ball que, com as suas consequências, por vezes bem graves e serias, tem sido um dos factores principais para o injustificável desmantelamento da educação social dos trabalhadores. E' realmente uma prova flagrante, porquanto assistimos hora a hora, dia a dia, ao caminhar da mocidade operária para o campo de indiferenças e desalento, atrasando a realização do pensamento na Liberdade, precisamente nesta hora em que a Humanidade anseia por se libertar.

E' tempo, ainda, de dar rijo combate a todas as coisas inimigas da Luz e da Liber-

Aos assinantes de "A Batalha"

Pedimos a todos os nossos estimáveis assinantes para nos prevenirem, urgentemente, de qualquer irregularidade nos seus endereços a fim de se evitarem lapsos no envio do jornal e na cobrança dos 10 números que brevemente vamos fazer.

dade, opondo uma barreira intransponível à sementeira de ilusões que acicata a mente das turbas inconscientes e ignaras.

Nunca, como agora, esse trabalho se nos impõe.

A hora presente é das mais graves para os trabalhadores, hora que ameaça subverter tudo e todos numa derrocada fatal. E' necessário que os trabalhadores se capacitem, duma vez para sempre, que devem afastar-se do contágio de ideias absurdas, que avassalam o pensamento e, mais, tolhem os passos para a Liberdade.

Pórtio.

Mário de Lemos

Francisco Ferrer e a sua obra

Falamos de Ferrer é falamos da Escola Moderna—o seu apostolado intenso, que o levou à morte, premeditada pela reacção; é falamos, ainda, dum período de ferverosa expansão do pensamento livre, do germinar das ideias de redenção humana, imprimindo ao conjunto social uma nova rota; é recordar-se um período de infiltração doutrinária, duma revolução do espírito e da libertação da Escola dos seculares dogmas e dos estúpidos convencionalismos.

Ao passar mais um ano sobre a trágica apoteose da vida de Ferrer, queremos, falando do seu esforço e da sua obra, mostrar quanto é capaz de conseguir uma iniciativa ligada a uma vontade firme, visando um grande ideal de emancipação; queremos frisar que a Escola Moderna não podia ter morrido e que aquela grande tentativa tinha de prosseguir para demonstrar aos timoratos e descrentes que a iniciativa dos idealistas pode conduzir-nos a grandes realizações.

Mas é necessário que o grande exemplo de Ferrer, a sua grande obra não fique servindo às gerações que vão passando somente para dar ao nosso sentimentalismo uma comoção, lamentando uma morte execravelmente levada à prática, sob um pretexto infame. É, sobretudo, preciso que essa obra se torne imorredoura pela continuidade que lhe dermos; é preciso, sobretudo, que interesse os professores de hoje, os que possuem uma intelectualidade já formada, para que se lancem nessa obra que a todos interessa e que é imprescindível fazer.

Deixai os descrentes ou os ultra-realizadores de transformações sociais que confiam num mito de força prodigiosa, e iniciai actividades para a libertação da Escola.

Para darmos a ideia da decisão que presidiu à actividade da Escola Moderna, vamos transcrever o prefácio que Francisco Ferrer escreveu para o segundo livro de leitura: *Origem do Cristianismo*:

«A antiga pedagogia, a que tinha por objecto positivo, ainda que não declarado, ensinar ao povo a inutilidade do saber, afirmando de que, acomodando-se às privações materiais na vida, sonhasse compensações celestiais de felicidade inegalável ou temesse castigos eternos, podia substituir os livros de primeira leitura da infância com contos, anedotas, relatos de viagens, pedaços de literatura clássica, etc.

Nessa mistura do bom e do útil ia o erro; alcançava-se um fim social iníquo, posto que o único que arreigava na inteligência era a ideia mística, a que estabelecia relações entre um ente sobrenatural e os homens por mediação dos seus sacerdotes, base fundamental da existência de privilegiados e de deserdados na sociedade, culpável de todas as injustiças que, segundo sua posição, sofrem e praticam os homens.

Entre muitos livros da classe indicada, afectados todos pelo mesmo mal, recordamos um que insere um discurso académico, maravilha de eloquência espanhola, destinado a exaltar a Bíblia, cuja síntese, entre galas insuperáveis de linguagem, é a bárbara sentença de Omar condenando ao fogo a Biblioteca de Alexandria: «No livro santo está a verdade única e absoluta: se todos esses livros são verdadeiros, sobram; se não o são, merecem o fogo».

A Escola Moderna que aspira a formar inteligências livres, responsáveis, aptas para viver no desenvolvimento total das faculdades humanas, fim exclusivo da vida, necessariamente havia de adoptar para o caso concreto da formação do seu livro de segunda leitura uma composição diferente, de acordo com o seu método de ensino, e a este

fim, ensinando verdades comprovadas, sem se desinteressar da luta entabulada entre a luz e as trevas, cre necessário apresentar um trabalho crítico que, com dados positivos e irrefutáveis, ilumine a inteligência do aluno, senão no período da infância, depois, quando homem já, quando intervenha no mecanismo social, e nele tropece com os erros, os convencionalismos, a hipocrisia e as infamias que se ocultem sob o manto do misticismo.

Abona esta composição a circunstância importante de que os nossos livros não se dirigem exclusivamente à infância, senão que servem também para as escolas de adultos que por todas as partes se criam pela iniciativa da multidão de sociedades operárias, livre-pensadoras, cooperativas, recreativas, círculo de estudos sociais e quantas agrupações progressivas e ilustradas existem e se formam, ansiosas de combater esse analfabetismo que sustenta a tradição e é naturalmente refratário ao progresso.

O presente extrato que, com o título de *Origem do Cristianismo*, formamos do livro *Ciência e Religião* de Malvert, onde os mitos, os dogmas e as cerimónias se apresentam no seu aspecto primitivo, umas vezes como símbolo exotérico que oculta uma verdade para o iniciado e deixa ao ignorante um conselho, e outras como uma adaptação de crenças anteriores, impostas pela torpe rotina e conservadas pela malícia utilitária.

Firmes na nossa convicção, possuindo a prova da evidência de que o nosso propósito e o nosso trabalho é racional e útil, damos-lo ao público, desejando que dê todo o fruto que dele temos antevisto, restando-nos observar que algumas supressões necessárias para a infância, indicadas com pontos suspensivos, podem achá-las os homens na edição completa.

Este desassombro de exposição da verdade, esta resumida definição dos objectivos da Escola Moderna, postos assim no prefácio dum livro de ensino, que fez voltar contra si e contra a sua obra todos os conservadores da Espanha, chegando ao seu assassinato, deve fulgurar como estímulo para todos aqueles que mantêm os princípios que Ferrer, até ser varado pelas balas, manteve.

E. S.

MARCO POSTAL

Setúbal.—J. R. Faisca.—Recebemos 10\$00 que pagaram as remessas do n.º 1 a 4 conforme vossa indicação. Obrigados.

Porto.—A. Gomes Paiva.—Recebemos a lista de assinantes de que fala e já estão recebendo o jornal.

Viana do Castelo.—Lúcia Ferreira.—Recebemos liquidação. Entendido.

Caldas da Rainha.—Francisco S. Ferreira.—Recemos 10\$00. Pagou até ao n.º 30.

Matosinhos.—Sind. C. Civil.—Podem distribuir as sobras como indicam. O resto entendido.

Via Gloria.—F. A. Ximenes.—Agradecemos os novos assinantes e as indicações.

Porto.—F. Ferrão.—Agradecemos a nova lista de assinantes. Entendido.

Aljustrel.—Colação Júnior.—Mande doutro género. O que recebemos não tem já oportunidade e, mesmo, eles não merecem que os tomemos a sério.

Alferrarede.—Francisco Nóbrega Júnior.—Só agora conseguimos regularizar o pagamento da vossa assinatura. De futuro é necessário indicar o nome e a direcção a quem diz respeito a assinatura.

Mário de Lemos.—Recebemos carta com 3\$00 escudos, queira indicar a sua residência para registarmos o pagamento da assinatura.

Lêr e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

INFLUÊNCIA SOBRE O MOVIMENTO OPERÁRIO NA AMÉRICA

«Os reformistas desenvolvem a sua acção no sentido de secundar as manobras do imperialismo yanqui; os comunistas servem os interesses dos ditadores vermelhos»

Se o reformismo como movimento que representa na América a Federação do Trabalho, não conta grande simpatia entre as massas operárias organizadas, não se encontra em melhor situação o bolchevismo. Os efectivos do bolchevismo são consideravelmente mais reduzidos, mas representam pelo contrário um perigo muito maior, pela sua audácia e sobretudo pelo seu oportunismo, um oportunismo no pior sentido da palavra, empregando todos os recursos, para conquistar, somente, posições. Os últimos a chegar, compreenderam que a sua penetração na América, se realizaria somente à custa do enfraquecimento dos sectores adversários. Lançaram-se sobre a América como verdadeiros conquistadores pretendendo entrar de cabeça em todas as organizações, e, finalmente, depois duma série de fracassos, adoptaram um plano de acção calculado e perigoso.

Se os reformistas desenvolvem a sua acção com vistas a secundar as manobras do imperialismo yanqui, os comunistas servem os interesses dos ditadores vermelhos. Aspectos distintos, mas no fundo a mesma dependência do Estado, nos dois sectores do marxismo. A comissariocracia russa é quem paga as despesas a que obriga a tentativa de criar na América uma base sindical que sirva os seus propósitos dominadores. A referida base foi criada em Montevideo de baixo da denominação de Sindical Latino Americana.

Fracassados os seus primeiros intentos, apoderar-se do movimento sindical, sobretudo naqueles países em que existe como força efectiva, puzeram em jogo a nova tática do movimento operário próprio. Mas como quer que continentalmente careçam de efectivos, deram-se à tarefa de dividir os movimentos existentes, sobretudo os de carácter reformista, já que as organizações revolucionárias lhes cerraram as suas portas desde o instante em que lhes descortinaram os seus intentos.

Ainda mesmo isso não lhes deu os resultados desejados.

Qualquer pessoa que leia as publicações comunistas que aparecem no continente americano, pensará que o bolchevismo conta na América com uma força grandiosa. Na revista que aparece em Montevideo como órgão da Sindical Latino Americana, fala em 800.000 aderentes. Em *La Internacional*, de Buenos Aires agita-se o chocalho de grandes greves patrocinadas e orientadas pelo partido comunista. Através das publicações que editam no México se deduziria que naquele país também contam com uma força de oposição considerável, e se lemos as crónicas continentais dos diversos países, que se publicam no *El Trabajador Latino Americano*, veremos por todos os lados «grandiosas» manifestações comunistas com milhares e milhares de trabalhadores, que dão vivas à ditadura do proletariado. Naturalmente, tudo isto é pura fantasia. O comunismo esgrime o bluff como argumento impressionista. As famosas delegações que concorreram à conferência comunista de Montevideo em representações dos fortes organismos nacionais, eram representações individuais ou de pequenos grupos sem influência entre os trabalhadores.

O exame da forma como foram improvisadas algumas dessas delegações, bastaria para demonstrar plenamente o bluff dos 800.000 aderentes.

Alguns dos recursos sistemáticos empregados pelo bolchevismo, é o descredito dos sectores adversários. A mesma tática que se emprega na Rússia para condenar sem apelação os verdadeiros revolucionários, que não simpatizam com a ditadura do proletariado, foi trasladada a aquelas paragens: os «ermos «traidores», «contra-revolucionários», agente do capitalismo, etc., vão inseparavelmente unidos a todo o juízo formulado sobre os seus adversários. Toda a acção po-

pular que não seja por eles encabeçada, por brilhante que seja o resultado obtido, será julgada e condenada como uma «entrega» feita ao capitalismo.

Os bolchevistas já compreenderam claramente que o grande obstáculo à sua penetração no seio dos organismos sindicais é constituído pelo anarquismo. Daí o terem escolhido justamente Montevideo como ponto estratégico para irradiar toda a sua acção sobre o continente sul. Montevideo é o único ponto da América onde contam com alguma força, devido a que os anarquistas do Uruguai não têm tomado a sério o papel que lhes compete no seio da organização operária. Fora de alguns sindicatos que representam focos de resistência activa ao bolchevismo, o terreno é-lhes abandonado por falta duma actividade enérgica e constante.

Mas as manobras de frente aos adversários em ideologia e tática a fim de debilitar o seu poder, não bastariam certamente para assegurar o êxito da gestão bolchevique. Por outro lado, a propaganda crua do marxismo provocaria lógica resistência pelo seu carácter autoritário, em países cujos habitantes ainda não perderam o sentido da liberdade. Daí uma modificação de linguagem, o uso de certa terminologia, na qual a palavra «camponês» é frequentemente empregada, sobretudo na propaganda que distribuem pelo continente. O subversivismo de que fazem gala, as constantes invocações contra o imperialismo norte-americano nos países que por sofrer os efeitos do poder yanqui, alimentam franca antipatia pelos Estados Unidos, dão-lhe certa vantagem e um possível ascendente futuro sobre as massas operárias da América.

Como se vê, o oportunismo é a base essencial da sua propaganda. Poderia o bolchevismo gosar da influência no futuro mercê desta simulação de propósitos, mas para isso teria que desarraigar os núcleos anarquistas dessiminados pelo continente americano, e isto seria difícil.

Por agora carecem de força e influência. Numéricamente não representam nem um factor de opinião no continente. Esta possibilidade pode unicamente desenvolver-se com a condição, como afirmámos, de desarraigar os núcleos anarquistas, que contam, de resto, com um adversário perigoso pela sua ausência total de moral na luta, e pelos recursos de que pode dispor.

Se no continente Norte, Estados Unidos e México; o reformismo se mantém na primeira linha, no continente Sul as forças operárias convergem para o anarquismo, cujo centro vital de expansão é a Argentina.

O bolchevismo, o ultimo a chegar, não poderá prosperar mais que na condição de abater estas duas influências centrais. Daí resulta que a sua manifestação rial de vida, seja a intriga, a difamação permanente e o bluff.

Recomendamos a todos os camaradas que tenham de tratar qualquer assunto com a administração e redacção de «A Batalha», que se dirijam em correspondência — quando doutro modo seja impossível — para o APARTADO N.º 329 — Lisboa. Também recomendamos que toda a correspondência, pedindo modificação nas remessas de jornais, deve estar aqui na antevéspera do dia da saída do jornal.

NO BARREIRO

Os inconvenientes da laboração fabril dum potentado

A Companhia União Fabril, ou melhor, o sr. Alfredo da Silva, tem feito ouvir de mercador aos indignados protestos da população barreira. Nada o sensibiliza, fôle é cimento armado! Sendo assim um indivíduo-bloco, nada o demove a evitar que uma imensurável mole humana esteja condenada a uma morte lenta, devido aos estragos de um fatídico envenenamento...

Não quer atender aos enormes inconvenientes que resultam da laboração das suas fábricas. E o perigo é evidente.

A fabricação de gases sulfúricos provoca a violação do ar, indispensável ao organismo humano—resultando a intoxicação. O ácido azotado, além da intoxicação, origina o aparecimento de várias doenças internas. O ácido clorídrico e, sobretudo, o sulfato de carbone e seus derivados extraídos das mais variadas matérias, algumas das quais bem venenosas, despendendo gases que se insinuam na atmosfera, são perfeitamente nocivos à respiração. O arsenítico, por exemplo, é um dos venenos. As concentrações de gases azóticos produzem carbone e, portanto, torna-se evidente o empestamento do oxigênio e a inerte asfixia lenta dos órgãos pulmonares. As poeiras da fabricação de enxofre, britagem de metais, como o cobre, acarretam o debilitamento das células orgânicas dos seres humanos... e até dos irracionais...

Denunciado o perigo dos venenos expostos, resalta à evidência que os 20.000 habitantes do Barreiro não podem, nem devem, estar sujeitos aos Alfredo da Silva, que lhes aparecem, aos potentados que lhes surjam a zombar da sua tranquilidade, da sua saúde. O povo do Barreiro tem que fazer um esforço que vinque desassombadamente a sua repulsa pelo crime hediondo que tão conspícuos e alfredistas patriotas estão cometendo.

* * *

Para as fábricas da U. Fabril, do Barreiro, foi recambiado, não se sabe de onde, um tal Teixeira, que exerce o cargo de gerente na Fiação de juta e Secção de Tecidos. Este homem à civilização nada deve, tendo sómente direito a viver entre feras, se para tal os habitantes das selvas ainda o autorizarem.

Há apenas algumas semanas que está ao serviço da Companhia e o súdrio de selvagens já vai longo. Despeçando as operárias que estão na secção que dirige, e não contente com isto, aplica-lhes multas e despede-as a torto e a direito, numa semcerimônia inexplicável.

Em 4 de agosto, as mulheres resolveram protestar contra este az da malandrice, e abandonando o serviço, foram queixar-se ao sr. Alfredo da Silva; este concordou com o que as operárias lhe disseram, chamando imediatamente o tranete ao escritório; mas foi uma concordância cínica, própria de quem só está acostumado a fazer mal, porquanto daí a momentos já havia ordem para demitirem todas as operárias que protestaram. E assim foi: as iniciadoras desse movimento jámal entraram nas fábricas da Companhia, e as outras foram entrando em pequeno número, dias depois, e ouviram numa *lidozinha de moral*, ficando sem as regalias que auferiam antes.

De então para cá, a pouca vergonha tem redobrado.

O mesmo Teixeira tinha a mania de inrometer-se nas outras secções, onde nada tem que fazer, dando origem a despedimentos de alguns operários que não se curvam às suas parvas ordens, e ao mesmo tempo pondo em cheque a competência de outros mestres.

DA MARINHA GRANDE

ACTIVIDADE SINDICAL

Regressaram do Norte, os delegados do Sindicato Único dos Lapidários de Vidra, que em missão de estudo e propaganda, se avistaram com os seus camaradas de Oliveira de Azemeis.

Sabemos, que as suas diligências foram coroadas por completo êxito, tendo instituído na referida vila norteña uma secção do seu Sindicato, o qual vai representar ao Sr. Ministro do Interior, no sentido de serem atenuadas as desumanas condições em que o extenuante trabalho dos vidreiros, é executado, nas fábricas dali.

UMA CIRCULAR

Exortação aos sindicatos operários de Lisboa não aderentes à C. S. do T.

Na última reunião do C. G. da C. S. do T. foi resolvido enviar aos sindicatos de Lisboa, não aderentes a aquele organismo, o seguinte ofício:

«Os esforços dos trabalhadores convergem para um determinado fim, as suas reivindicações vão tomando um carácter mais agudo, e, diariamente se torna mais necessário o entendimento de todos os trabalhadores para uma acção em conjunto.

Devem os trabalhadores procurar manter, nos seus sindicatos, laços de solidariedade e com eles estabelecer uma organização que se imponha. A base dessa solidariedade só pode ser nos interesses, aspirações, e necessidades materiais e espirituais comumente consideradas e sentidas. São estes os laços de união necessários, que imperiosamente se impõem.

Existe a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa que foi criada para coordenar, dentro das atribuições consignadas na Organização Social Sindicalista, a acção dos sindicatos locais prevendo a luta que os trabalhadores necessitam desenvolver contra o sistema económico vigente—o capitalismo—por uma acção que condicione a sua qualidade de produtor com a sua condição de consumidor. Esta é, por assim dizer a acção mais eficaz dos trabalhadores contra a exploração do capitalismo, não podendo os sindicatos, de per si, atender a este aspecto da acção sindicalista dos trabalhadores.

Nesta Câmara, pois, devemos-nos todos encontrar por intermédio dos nossos sindicatos locais. Esta aspiração já foi sentida quando do Congresso dos Sindicatos de Lisboa em 1926, onde foi aceite um período de 6 meses para que todos os sindicatos não aderentes ingressassem afim de se estabelecer a união.

E, pois, dentro dessa deliberação que a C. S. T. de Lisboa vem convidar-vos a ingressar no nosso seio. Queremos, contudo, dizer-vos que nesta Câmara, baseada nos princípios federalistas e autonomistas, fica a liberdade aos sindicatos de agirem como lhes aprouver, não se justificando, portanto o receio da perda de independência. Se contudo persistirem na recusa, esperamos que não se obstarão, e como até aqui, a não nos apoiar quando um fim comum nos aproxime.

Estes são os votos da C. S. T. de Lisboa, esperando uma resposta vossa e rápida. Saudações sindicais.—O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa.

Ecos duma magnífica vitória

O jornal «Le Reveil» de Gênebra publicava num de seus últimos números uma curiosa local, que traduzimos. Ela:

«A imprensa bolchevista fala-nos da magnífica vitória do proletariado revolucionário da Alemanha. Pensei, pois, que em 35 milhões de votantes os comunistas obtiveram 4.600.000 votos. Eles representam assim um pouco mais do sétimo dos eleitores. Isto não é tudo. Os fascistas obtiveram ao mesmo tempo 6.400.000, ou seja umas boas três dezenas de deputados a mais do que os comunistas, e acham que também são com mais razão «magníficos vencedores».

Foi pois o fascismo ou o bolchevismo que triunfou? Os dois princípios são opostos e o fascismo tem com toda a evidência um notável avanço sobre o bolchevismo, ou os dois não formam senão um único princípio—e nós não estamos longe de o acreditar—então não há verdadeiramente motivos para o proletariado revolucionário se regosijar. Sem contar que nós vimos na Itália bolchevistas e bolchevistas obterem 150 lugares contra 25 para os fascistas, e o resultado foi o que toda a gente conhece».

NA ALEMANHA

Luta de classes

O Embaixador dos Soviotes na Alemanha, Sr. Machin, almoçou com grande cerimônia na companhia do presidente Hindenburg, antigo marechal do Kaiser, militarista e reacionário ferrenho.

Chama-se isto nas modernas táticas proletárias: «luta de classes».

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

PROBLEMAS DE HOJE

A Desocupação e a Máquina Os Rurais Reorganizam-se

A maquinaria é uma das causas do desemprego, embora outros factores contribuam para a agravar

O desemprego é um dos problemas mais sérios que ameaçam a burguesia, especialmente nos países industriais. Quanto mais se industrializa uma nação, maior é o número dos desocupados, pois que a indústria moderna emprega máquinas cada vez mais eficientes, e estas vão dispensando o operário em constante e crescente número, com maior rapidez que o operário se ajusta às novas condições, mediante o estabelecimento de jornadas de trabalho mais curtas.

A desocupação é um problema para o operário e para o Estado. Para o operário, porque, sem trabalho não tem pão; para o Estado, porque a crescente falange dos desocupados constitui um perigo para a sua estabilidade.

A máquina converteu-se no maior inimigo do operário, quando devia ser o seu melhor amigo.

Deve então o operário lutar contra a implantação da máquina?

É realmente a máquina inimiga do operário? Não, é a minha resposta às duas perguntas. Ainda que em certos casos admita que é necessário, se se vêem probabilidades de êxito, lutar contra a implantação da maquinaria, em princípio isto significa um passo anti-progressivo. Lutar contra a máquina é lutar contra o progresso. Se ha entre os operários suficiente espírito de luta, devem lutar por diminuir a jornada de trabalho para que haja ocupação para todos.

Hoje ha officios onde se trabalha sómente 7 horas diárias. Ha vinte anos isto seria um sonho. Se os operários de ha vinte ou cinquenta anos se tivessem oposto com êxito à implantação da maquinaria, estaríamos trabalhando ainda 12 horas diárias.

Toda a inovação, toda a mudança, politica, social ou de qualquer indole, traz em si um certo desagregamento, desconcerto, sofrimentos e dores para alguns, e no caso particular da implantação da máquina, sofrem sempre os operários da industria afectada. Sofrem miséria enquanto se re-ajusta a nova ordem de coisas no ramo ou industrias de que se trate.

Tomemos por exemplo, a industria do carvão. Em todos os países a industria mineira agonisa. São milhares e milhares os mineiros sem trabalho; a sua situação não é temporal; é permanente. A máquina tem feito enormes progressos na referida industria; está pondo de parte o homem; o braço de ferro vence o braço de carne e osso. A sciencia vem em ajuda da máquina, o aproveitamento das quedas de água para a força motriz e luz, reduz o consumo de carvão nas vilas e cidades. A maquinaria, por um lado, arrancando o carvão mais economicamente, a energia eléctrica reduzindo o consumo do precioso combustivel, pareceu ter-se combinado para reduzir à miséria uma industria que floresceu quando o braço de carne e a picareta de ferro, eram as únicas ferramentas necessárias.

A titulo de elucidação, no que se refere à industria de carvão, relaterei o occorrido numa mina do Estado de Illinois, que havia sido abandonada porque não deixava nada de utilidade. Recentemente começaram a trabalhar nela, empregando uma pá eléctrica mostra (trata-se duma mina ao descoberto) cujas dimensões equivaliam ao volume dum edificio de oito andares, que avançava pela terra à razão de 250 pés por dia,

cortando carvão até uma profundidade de 30 pés. É a maior máquina construída na sua classe, e pode dizer-se, parodiando o lema duma padaria americana que «o carvão chega a casa do consumidor sem haver sido tocado pela mão do homem».

Arranca 1.200 toneladas de carvão por dia, e poderia tirar 3.500 toneladas. A máquina avança já seja pela gravidade ou por electricidade. Uma ideia do que é este aparelho, poder-se-ha ter, atendendo no facto de que a produção na dita mina, é ponto médio, de 22 toneladas por homem empregado por dia, enquanto que o ponto médio nas minas do Estado de Illinois é de 5,85 toneladas, isto é: com a máquina o operário produz quatro vezes mais. Assim, pois, uma mina que empregasse mil mineiros, por exemplo, para produzir uma certa quantidade de carvão, poderá agora produzir a mesma quantidade sómente com 250 homens.

O que se passa na industria do carvão, succede em maior ou menor grau, em todas as industrias. A maquinaria é, pois, uma das principais causas da desocupação, ainda que não seja a única, pois ha muitos factores que contribuem para esta situação, sem precedentes.

A bolsa, os maneios dos grandes potentados da industria, o artificialismo que tudo invade no sistema capitalista, a fiança, etc, são causa que, para isso, contribuem, mas em minha opinião, a causa principal é a maquinaria. Dela temos a prova no facto de que nos Estados Unidos se sente a desocupação, mais intensamente, nos centros mais industriais; no entanto nas regiões agricolas, a percentagem de desocupados é muito mais baixa, e ainda este contingente, se examinarmos a situação de perto, é um resultado da situação industrial.

Qual é o remédio? Há dois. O primeiro é fácil, até certo ponto. O segundo é mais difícil, porque é necessário a revolução social. O primeiro é simples, e consiste em reduzir a jornada de trabalho de todos os trabalhadores até arranjar ocupação aos sem trabalho. O segundo é a derrocada do sistema capitalista que se não poderá realizar sem uma profunda transformação social.

Onofre Dallas

NECESSIDADE DE CULTURA

Noutra local, um nosso colaborador lança uma ideia interessante: a criação duma Universidade Operária. Nada mais oportuno, nem mais necessário.

Há muito que se faz sentir a necessidade dum núcleo, onde todos os que trabalham, e doutros recursos não dispõem, possam aproveitar alguma coisa da cultura scientifica, literária e sociologica que se espalha pelo mundo culto de hoje. Ao operariado não chega, com facilidade, essa cultura e, daí, a necessidade de qualquer coisa que podesse apetrechar o operariado com os elementos valiosos que ela fornece.

A ideia do nosso colaborador não é impraticável. Bastará, para a vermos realidade, que meia dúzia de trabalhadores manuais e intellectuais se disponham a realizá-la.

A Batalha põe as suas columnas ao serviço desse empreendimento. Que outros camaradas apareçam a fornecer o seu esforço, a sua intelligencia, o seu apoio moral e material.

Com estes elementos, indispensáveis de resto, teremos aquela brilhante ideia a caminho duma realização consoladora e daremos ao operariado um elemento de valioso auxilio para a sua emancipação.

NO ALTO ALENTEJO

Entrevistando um rural e falando dum possível reorganização das Associações operárias do Alentejo

Ponte de Sôr. Feira de Outubro. Sobre milhares de pessoas, comprando, vendendo, mirando, o sol queima. África plena. A multidão, vinda de três provincias fronteiras—Extremadura, Beira-Baixa, Alentejo—corre a feira em todos os sentidos, amontoa-se, discutindo, em explosão única de mil interesses.

Faces queimadas. Trajes variegadas. Rostos de ébrios. Olhares de ciganos. Expressão irredutível de miséria. Apregoam-se objectos caros e bugigangas que nem a um preto interessariam. Touredas, com touros das Lezírias, à cunha. Tabernas aos centos, também à cunha. Até uma casa de prostituição, com mulheres vindas expressamente de fora. Está completa a sociedade. Aqui, lado a lado, juntos pelas afinidades regionais, os carros de Montargil. Além, os de Aviz e termos. Mais além, os de Fronteira, e assim por diante. Ruas e ruas com barracas «de tudo a dez tostões». «Comes e bebes», à cunha. Cavalinhos para a rapaziada imbecil. Circo. Tendões de maltrapilhos. Legiões de pedintes. Exposição de chagas. Barracas de jogatina.

A burguesia sorri para esta miséria, de dentro dos seus automóveis. Sorri e comenta! Aqui está a nossa força comercial, os nossos produtos! A maior parte destes produtos, que o Comércio e a Indústria espalham pelo país, está avariada, pôdre, constituem os restos que os outros países exportam, a preços mais baratos, por já não lhes interessarem. Portugal está para os outros países como a loja provinciana está para o fornecedor de Lisboa. Sucata para pretos. Quasi tudo reunido daria um monte de lixo da mais infima qualidade. E o nosso bom povo admira tudo isto, com larga admiração do gentio perante diabólico espelho.

Através do ensurdecido barulho, por entre as vias de interesses materiais, múltiplos, deambulando e levo, também, no fundo da minha alma, o meu interesse. Vou em busca das camaradas amigas. Vieram de várias terras. São rurais. Um deles veio à feira vender esteiras que fabricou com bunho apanhado nas margens dos ribeiros. Outro, «retratasta», reproduz em cartões baratos, «à la minute», a boçalidade exterior dos forasteiros.

ros [mais das suas Dulcinéas. Lá, nas suas terras de residência, os rurais têm espantosa miséria. Eis um assunto que merecia especial atenção. Aos militares, sempre perseguidos, pelo sistema económico, em geral, e pelos odios pessoais dos enhores, em particular, a burguesia lavrada nega-lhes trabalho. Quem tem ideias vãs como. Fazem-se, então, caçadores, pescadores, fabricantes de curiosidades, pequenos cultivadores de frutas temporárias. E são estes, os «agitadores», os «rebeldes» que assim lutam e trabalham, para ganhar alguns vinténs. A massa rural, sem trabalho, submisso, ignorante, perdido o ganhação na terra do lavrador, abala, aos rebamos, sem um gesto de independência. Outros, ainda, vieram em busca da distração, desconhecida na insólito montado. Caras em contraste com as caras dos milhares de alarves, bem vestidos e mal vestidos, que nos rodeiam. Constituem uma elite, autêntica elite. Franca palavra, olhar leal, fala simples. Nada de termos científicos nem, tampouco, vulgaridades tímidas. Sinto um sópro de fraternidade, um alvorecer. Aproveito a ocasião para lhes manifestar o meu interesse. O Alto-Alentejo é quasi desconhecido da organização operária geral. Olvida-se o que existiu. Esquece-se o valor desta região, que pode vir a tornar-se uma base da mais profícua acção. O Alentejo é ainda uma bódoa escura e longínqua de difícil e oportuno acesso. É necessário mostrá-lo, mostrá-lo, mostrar, desde já, um bocadinho de êle.

Os militantes resistem em Pnte de Sôr, Ervedal, Aviz, Benavilla, Souzê, Fronteira, Cano, Favia, Cabeço de Vide, Extremoz, Alter do Chão, Terrugem, Cabeçô etc, basta região entre quatro cidades—Alentejo, Portalegre, Elvas, Évora. Estas terras foram percorridas há anos, várias vezes, por abnegados camaradas dos rurais de 3vora, e da Construção Civil e Manufactores de Calçado de Lisboa. Léguas e léguas foram percorridas a pé. O Alentejo não é uma viagem de recreio e sensação. É de abnegação. Se tivesse mais tempo dava-te mais informes interessantes. Mas pode ficar por outra vez...

—É a opinião pública? —Simpatiza connosco. O povo nada tem a dizer de nós. Somos seus filhos. Vive apático, porque a miréria é grande e a hora é de desconfianças. O feudalismo caprichoso, arrogante, todo poderoso, revive em cada localidade, nas pessoas de dois ou três magnates. E, no entanto, como é enorme a população rural! A Federação Rural já chegou a ter 5.000 associados, firmes, o que, no entanto, era uma infima minoria. Não cabe aqui investigar porque não houve nunca uma forte federação camponesa. A Central Operária tem um grande futuro a próxima Federação, cujos trabalhos de reorganização os camaradas de Évora estão iniciando. Ela pode vir a ser a mais forte 2deração e a mais característica num país agrícola como é Portugal. Ela será ainda o mais durável esteio de futuros movimentos emancipadores.

—E quanto a ideologia? O que predomina?

—Mas não há, felizmente, nenhum predomínio. Posso afirmar, sem receio de desmentido: — a ideologia de todos os rurais, de todos os militantes é completamente li-

(Continúa na 7.ª página)

PELOS TEXTEIS

Perseguições feitas a operários em Castanheira de Pera. Uma vingança.

CASTANHEIRA DE PERA, 8.—A situação em que se encontram vários camaradas não é das melhores. As vinganças dos nossos exploradores não se fizeram esperar logo que regressamos de Lisboa. Tem sido uma guerra furiosa movida pelos srs. industriais. Já não há coisa nenhuma que eles não pensem, reunindo todos os dias despedindo todos aqueles que não convenham ao seu serviço, sem o menor motivo ou justificação.

Os industriais de Castanheira de Pera julgando-se só eles com o direito de se unirem para melhor e com menos esforço defendem os seus interesses, não admitem o mesmo direito para os seus operários, para aqueles que dentro das suas oficinas suportam uma verdadeira situação de escravos. O trabalho chega a ser de noite e dia, ganhando uma insignificância. Para evitar estas anomalias, os operários querem unir-se. Mas eles pretendem evitá-lo, comunique, já, a fazer perseguições, atirando para o desemprego todos aqueles que lhes conste serem sócios influentes da sua Associação de Classe. Ora isto não está certo. É dum revoltante desleixo de predomínio e indigna pela natureza da exigência. Despedir um operário por não convir profissionalmente ao serviço, está bem. Mas que se faça o mesmo com chefes de família, só por que fazem parte da sua Associação Profissional e reclamam o que de direito lhes pertence, não é humano nem justo. Querer-nos parecer que estas perseguições obedecem ao princípio de amedrontar a classe dos têxteis para assim, mais a vontade os poderem explorar. É preciso demonstrar-lhes que não há, nos meios operários, predisposição para tal e que, por isso, não terão feito a sua vontade. Os têxteis de Castanheira de Pera vão compreendendo o valor da Associação e já lhe insultam alguma vida, o que anima e indica que se pretende dar maior coesão ao movimento sindical, orientando as lutas por um mais compreensível e racional método.—(E.)

NA RUSSIA

O plano Quinquenal

Os resultados deste plano têm sido maravilhosos, como se depreende dos dois seguintes telegramas da agência oficial russa Tass:

«Moscó, 20 de Setembro. O departamento político do Estado, depois de ter examinado a questão dos especuladores e assambarcadores de moedas em ouro e prata, condenou à morte oito dos mais importantes receptáculos, convictos também de maneios contra-revolucionários activos. Os outros acusados, em número de 438, foram condenados a deportação.

«Moscó, 24 de Setembro. O colégio do Departamento político do Estado, encarregado de examinar a questão dos contra-revolucionários inculcados de associação para a desorganização do abastecimento da população, condenou à morte os dirigentes desta organização: O professor Alexandre Riazantzev, Eugénio Karatiguine e 46 outras organizações e participantes activos deste grupo. A sentença foi executada».

Evidentemente que tais medidas não se compreendem senão por situações desesperadas, de contrário significariam uma ferocidade cega.

SOLIDARIEDADE

Pró-Mineiros

Deve realizar-se hoje a primeira recita da série que o «Grupo Dramático Solidariedade Operária» pretende efectuar, patrocinada pelas Associações operárias de Lisboa.

A primeira recita será no Salão de Festas da Associação dos Calceiros de Lisboa, Rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, e começará por uma conferência sobre *Solidariedade*, feita pelo Dr. Campos Lima, advogado dos Mineiros, seguindo-se-lhe o drama em 4 actos «Ladrões da Honra» e um grandioso fim de festa.

Este espectáculo merecerá, sem dúvida, o apoio e a comparencia do operariado, não só por se destinar a um fim de solidariedade, como, também, por ter no seu programa elementos de interesse.

DE SETUBAL

Os trabalhadores do mar, de Setubal, reclamam

Já aqui nos referimos aos inconvenientes do regime de trabalho dos trabalhadores do mar, em Setúbal. Agora a Associação de Classe dos Trabalhadores do Mar, apresentou uma reclamação onde é exposta a sua situação. A certa altura diz:

«Estabelecem também os contractos de matrícula que os pagamentos serão feitos em cada 30 dias.

Conhecido os exíguos vencimentos dos trabalhadores do mar, sabe-se bem com que ansiedade aguardarão o dia do pagamento para, assim poderem levar para o seu lar alguma coisa com que possam satisfazer as necessidades da família. Pois tal prescrição também muitas vezes não é cumprida, chegando a haver casos em que o pagamento é demorado, além do tempo estabelecido, em 10 dias e mais.

Quando os buques vão à lota, ao pessoal é dada uma pensão.

Estava indicado que o restante fosse incluído na venda geral, de cujo montante seria depois tirada a percentagem. Mas tal não sucede. Este dinheiro não entra nas contas e portanto a companhia não recebe dêle. As *Mercias* que fazem serviços a cércos de que não pertencem, recebem por esse trabalho 15% da venda do peixe que transportam. Estava logicamente indicado que, trabalhando este pessoal para outros cércos e dêles recebendo, o pagamento do frete, dêle fossem tirados os seus vencimentos ou, então, que esse dinheiro entrasse em contas na Arte a que pertencem. O contrário é o que fazem os srs. Armadores. Recebem aquela importância e pagam depois ao pessoal da percentagem da sua Arte, como se sempre para ela tivessem trabalhado. Chega a haver casos em que as *Mercias* vão prestar serviço noutras artes e depois, aquelas a que pertencem, terem de chamar outras estranhas, havendo assim uma dupla desvantagem contra a companhia.

Outras anomalias cita a reclamação, algumas já conhecidas dos nossos leitores, e formula, depois, as seguintes medidas:

1.º Que deve ser estabelecido um único contrato de matrícula para todos os cércos.

2.º Que devem ser cumpridas integralmente todas as condições exaradas nesse contrato.

3.º Que das percentagens se devem apenas tirar tantas partes, quantos forem os homens que compoem a companhia.

4.º Que deixe de haver matrículas para embarcações como *Mercias*, quando pertençam a Empresas Proprietárias de cércos.

5.º Que ao pessoal, quando despedido, seja dado o direito de se justificar perante quem de direito.

6.º Que em todos os casos sejam ouvidos os delegados desta Associação».

E' de esperar, atendendo à justiça dessas reclamações e à necessidade para os trabalhadores do mar de resolver a sua situação, que estes não se limitem a esperar o andamento moroso das suas reclamações, mas, antes, se preparem para exigir dos proprietários de cércos tudo quanto seja necessário para tornar a sua situação mais tolerável.

NOS ESTADOS UNIDOS

Como morre um «instrumento da burguesia»

O anarquista Pedro Petrela, mineiro de nacionalidade italiana, quando foi da comemoração do martirio de Sacco e Vanzetti em Avella, Pensilvânia, foi agredido por dois comunistas também mineiros, matando, em legítima defesa, um dêles.

Foi então apodado de «fratricida», «Caino», «instrumento do fascismo», «arnes dos cossacos» etc., ao mesmo tempo que a policia o começou a perseguir com afincio, por crime de assassinio.

Refugiou-se porisso em Detroit, onde está o foi descobrir, recentemente, assaltando o seu domicilio. Vendo-se perdido, Petrela empunhou uma pistola, matando um dos seus agressores.

A pesar de ser o «arnes dos cossacos», isso não lhe protegeu bem a pele, e acabou também por ser assassinado.

.....
A organização operária tem na «Vanguarda Operária» seu porta-voz no Norte.

O MOVIMENTO INDIANO

Gandhi e o seu apostolado humano

A Índia agita-se, enquanto a imprensa inglesa aparenta tranquilidade

A imprensa britânica, capitalista e burguesa, de balde tem comentado os acontecimentos da Índia com ironia, dissimulando comprometedoramente o mal-estar profundo que dia a dia perturba a sua flegma.

Na verdade, o que será das imensas receitas que o monopólio de sal lhe assegura, se se violar publicamente a lei da Gabela? Como administrar-se um país de 350 milhões de homens, se os funcionários nativos que se contam aos milhares, se juntarem ao movimento da «não-cooperação»; se professores e alunos abandonarem as escolas; se os pleitos se resolverem por arbitramento; se se fecharem as portas ao comércio britânico, e se se destruírem as suas mercadorias, restaurando as indústrias nacionais; se esses milhões de homens se recusarem a pagar todos os impostos? E se as violências opuserem com estoica docura, a «resistência passiva», preferindo a situação anómala de dominados, os ferros libertadores das cadeias?...

Perante esta guerra de ordem putamente espiritual, a mais poderosa nação do mundo sente a impotência de combater um povo fraco e sistematicamente explorado; e o mundo observa a inanição dos seus grandes exércitos e a ineptia de milhares de milhões de suas armas de fogo...

O prestígio internacional da «maior potência do mundo» vai-se abalando. E como é necessário defendê-lo, a liberal nação aplica na Índia as mais vexatorias medidas da dignidade humana. Assim, mobiliza os regimentos com Dyers à frente; espalha a mais terrível polícia secreta, dando-lhe poderes sem restrição; os crimes verdadeiros ou presumidos são sumariamente julgados e punidos com pena máxima. E como as cadeias gemem sob o peso insoportável de condenados, franqueiam-se as minas, onde estão apodrecendo como seres abjectos, milhares de homens... Mas a legião de condenados não chora,—antes, desafia a morte, alegremente, a cantar o *Bande Mataram*!

O movimento, porém, alastra-se. Não há força humana que o possa deter. Prendem-se os chefes Walabai Patel, Sen Gupta e o presidente do Congresso Nacional, Jawaral Nehru? Aparecem outros, às centenas. Gandhi já avisou ao Lord Irwin: que 10 mil pessoas estavam aptas para o substituir, se fosse preso.

Wilfred Wellock, no seu notável livro *Indians Awakening* (its National and World-wide significance), dedicado ao povo inglês, escreveu no prefácio: *Duas coisas quero acrescentar: 1.º Que o Movimento (indiano) abraça um ideal universalista que o povo inglês não deve ignorar. 2.º Que nenhuma violência ou perseguição poderá extinguí-lo... Acrescenta: But new offensives will be made: the Movement cannot die, for its roots are spiritual.*

Não. Não pode perecer...

Não é raro a imprensa portuguesa començar com hiperboles, os benefícios da civilização que a Índia deve à Inglaterra. Nada mais fácil de dizer; difícil, porém, de justificar.

Para contrastar o quadro flagrante da miséria que a Inglaterra lhes legou, basta mencionar estes dois índices extremos: enquanto o vice-rei da Índia ganha 20 milhões de rupias ao ano (melhor pago, portanto, que o presidente da U. S. A., e muitíssimo mais que o Chefe do Gabinete Inglês) um operário indiano tem a renda anual média de 2 libras e meia (35 rupias)! Só o exército consome mais de metade de receitas. E note-se que o funcionalismo inglês é o mais bem pago do mundo.

A drenagem de quase todo o dinheiro da Índia para as mãos cubícolas dos dominadores, deixou-a num estado de mais chocante miséria. Desta derivam dois corolários: a fome e a doença.

De 1873 a 1876, a fome matou 5 milhões de indígenas. De 1895 a 1900 morreram 19 milhões. Verifica Digby que, de 1893 a 1900, a cifra se elevou a 32 milhões! O des-

tino negro obriga, finalmente, a milhares de famílias, para não morrerem de fome, a trilhar os caminhos obscuros da prostituição. E a doença?

De 1896 a 1900 matou 4 milhões. Em um ano—1907—morreram 2 milhões. Só o cólera em 1905 arrazou uma percentagem de 305 por 100.000!

O que fez o governo inglês para acudir a esta voragem da morte! Segundo Albert Métais, os socorros que de 1900-1901 estavam orçados para 100 milhões de francos, desceram a 10 milhões (de 1900-1905) e mais tarde reduziram-se a 55 mil francos!

E os impostos?

O sal que é monopólio do Estado, é vendido 1.600 vezes mais do que o seu preço do fabrico. As classes pobres não o podem comprar. E, é, entretanto, um alimento indispensável.

O camponês indiano paga mais 20% do que um camponês britânico. O imposto sobre os rendimentos, é infimo relativamente ao rendimento agrícola. Além disto, a vida do camponês está absolutamente à mercê dos capitalistas ingleses. As culturas que não servem directamente os interesses destes, são abandonadas, e a concorrência estrangeira é protegida quando não é atingido o capital inglês. Tão dura se torna a situação do camponês, que, para para pagar os impostos tem de vender o trigo ao estrangeiro, e iludir a fome dos seus filhos com um punhado de ervas cozidas.

E qual a acção da terrível civilizadora no capítulo da instrução?

A companhia inglesa nunca pensou seriamente no ensino. O governo directo consagrou uma pequena parcela do orçamento para o seu desenvolvimento. Resultado: apenas 18 milhões sabem ler. Todo o resto é iniciativa privada. Para escolas superiores não é a Inglaterra quem manda os melhores professores. Se não fossem os mestres indianos e os docentes germânicos, a instrução superior seria um mito.

Muitas vezes, uma aparente opulência, como um vistoso reclamo, fala mais alto que a miséria uivante de um povo. Assim, se

explica que um galan da literatura com pretensões a «mentalidade europeia», e alguns defensores dos direitos do Homem, façam afirmações de que a Índia tudo deve à Inglaterra, como escolas, caminhos de ferro, higiene etc. (Note-se que o inglês não gosta confundir a civilização anglo-saxónica com a civilização europeia).

Ramaiah Naidú, discípulo querido de «madame» Curie, respondeu numa entrevista àquela afirmação, muito em voga também entre os «reports»: «Sem dúvida; mas pode-se felicitar por um estado de coisas que, para o povo apenas tem servido de pretexto para uma miséria, maior ainda? Nas cidades, o operário é explorado nas fábricas, onde trabalha doze horas por dia, por um salário de fome. Nos campos, é vítima de usurários que emprestam a taxas que variam entre 50 a 100 %, sem que nenhuma lei reprima este odioso tráfico. O camponês assina, sem poder ler, o papel que o usurário lhe apresenta. E nos tribunais é sempre condenado: deve pagar porque assinou o contrato!»

Desse *bas-fond* de miséria e de opressão, nasceu o grito altivo de morrer lutando numa guerra incruenta, guerra há muito prevista e agora seguindo na sua marcha heroica.

E' de grande importância que se acentue sem equívocos, o significado do nacionalismo indiano. Ao contrário dos nacionalismos ocidentais que são sinónimos do Imperialismo, o nacionalismo no Oriente, propõe-se claramente, reivindicar os legítimos direitos da nação e adoptar uma política de mais profundas reformas sociais. Tão antagónicos são estes dois nacionalismos, que os imperialistas europeus, descobrem logo, o pólen russo, nos movimentos asiáticos. Felizmente, a Índia não tem de pedir lições à Rússia. A sua tragédia intensa de um século e meio de dominação britânica, espécie de um tzarismo satânico, criou-lhe na alma o anseio insofrido da libertação e da justiça.

Se é certo que um país que viveu debaixo da tirania e humilhação sem nome, não

pode crer nas panaceias de um governo burguês, sempre predisposto a dominar, também não pode cair no outro extremo, que a Rússia preconiza.

Em bom inglês, Gandhi escreveu aos seus amigos britânicos: *You may fear Russia; we do not. When she comes, we will look after her... If you are with then we shall receive her jointly.* E um discípulo do Mahatma, diplomado nas Universidades de U. S. A. exclama: «Lutaremos sempre pela Bondade e pela Justiça, e contra a aristocracia de nascimento, de dinheiro, e até mesmo contra a aristocracia intelectual, que não raro ambiciona a prepotência».

A civilização moderna esqueceu o homem sacrificando-o aos seus interesses materiais. Gandhi propõe a volta do homem para o homem; deseja a aproximação entre os homens. A Índia, diz ele, não nasceu para servir um dominador mas para servir a Humanidade. «O homem acima de tudo». Com efeito, o Mahatma há-de repreender austeramente o povo indiano, quando ele recusar o alimento aos soldados britânicos. Se a vida é o mais precioso dos bens, até a vida de um inimigo deve merecer o mesmo respeito que a nossa.

«Odiar a dominação britânica, não implica o ódio aos ingleses individualmente. Odiemos o satanismo, mas amemos Satanaz. Lavemos a Índia com todo o nosso sangue, se for preciso, mas não a manchemos com uma gota de sangue».

Revolução? Sim. Mas a primeira arma do combate há-de ser a Não-Violência. As relações humanas não podem basear-se na destruição e na vingança. Porque a força não convence. O heroísmo consiste em amar quem nos odeia e persuadi-lo por amor. (Porque regista a história milhares de heróis e poucos santos)—porque a prática do Bem é mais difícil que a prática do Mal. Mas não-violência não significa passividade. Entre a frouxidão e a violência ele aconselha a violência, mas acrescenta: «eu prefiro a coragem serena de morrer sem matar».

O que mais se admira neste homem que é temido pelos seus adversários porque os ama, é a absoluta concordância entre as suas palavras e os seus actos. Assim, depois de dirigir uma mensagem aos seus «amigos ingleses», pregou o abandono de todos os títulos e glórias, e foi o primeiro a abandoná-los.

Proclamou a desobediência civil e iniciou este movimento.

Instituiu como um dever sagrado o fomento da indústria de fiação e trabalha todos os dias na roça.

Exemplo e acção. Vida extraordinária de um homem que conheceu as culminâncias da glória nos tribunais da África do Sul, e também as de martírio e de opróbrio. Desprezado, preso nos mais imundos cárceres, batido e vilipendiado, foi comungar a sorte dos vermes humanos, das plebes perseguidas, a sorte dos quais defendeu. Porém, a hora da justiça soou. O seu maior adversário, o general Smuts, denominou-lhe, mais tarde, *Conscientious objector*.

Pálidamente esboçados alguns reflexos da vida e acção do Mahatma, resta-nos acentuar que, se o movimento de não-violência e não-cooperação tem a adesão de uma grande parte do povo, não se limita só a esta, a actividade de todos os políticos. Pois os swaragistas servem-se de todos os meios para combater a soberania inglesa; os extremistas usam de violência para intimidar as autoridades; e finalmente os sindicatos operários que multiplicam as greves, aspiram a uma revolução não somente política, mas sobretudo, social.

Ouçó o eco das últimas palavras de Paul Zonis: «A insurreição dos Hindús, qualquer que seja a sua forma e quaisquer que sejam os iniciadores, completa a revolução russa. Ela abalará o mundo até aos seus alicerces. Política ao princípio, tornar-se-há necessariamente social. E, se a burguesia hindú a sustentar na primeira etapa, a segunda fase será camponesa e operária».

H. A. F.

"A Batalha" dirige-se aos seus amigos

A Batalha surgiu no momento em que mais se fazia sentir a necessidade dum jornal que coordenasse a actividade dos trabalhadores, porque estes, apenas, podiam contar com o apoio dos seus organismos: Sindicatos, Federações, Câmaras Sindicais e Central. Falta um elemento de coordenação que estivesse em contacto permanente com o operariado, o ouvisse nas suas reclamações, a todos levasse a notícia de que este ou aquele organismo, esta ou aquela modalidade de profissionais, actuava e o fazia de determinado modo. Ora isto só seria possível com um jornal que chegasse a toda a parte e a todos podesse garantir honestidade na informação, na crítica, na doutrina. A Batalha oferece, sem dúvida alguma, essas garantias. Devemos ajuntar, para evitar especulações, que o nosso colega Vanguarda Operária satisfazia neste aspecto. Havia, porém, necessidade de que a sua zona de influência se cingisse ao Norte, descentralizando desse modo, actividades.

Reatemos, porém, o fio das nossas considerações. A Batalha surgiu, portanto, quando mais era necessária.

Porém, não basta reconhecer-se a necessidade de existir A Batalha. E' preciso garantir-lhe a vida; é preciso que todos se lembrem que um jornal exige esforços, apoio e dinheiro. O nosso jornal foi, é certo, recebido em todo o país com grande entusiasmo, as tiragens foram além do que nós supunhamos e mesmo o apoio material que os trabalhadores nos têm dispensado, é animador. Isso é, porém e ainda, insuficiente. E' preciso mais.

Porisso todos os trabalhadores não devem, esquecer que é necessário o seu apoio e que ele deve materializar-se pelo envio de listas de assinantes, concorrendo assim para a sua máxima expansão, e pela abertura de quêtes nos locais de trabalho e em todos os lados onde se reúnem operários.

NOS ESTADOS UNIDOS

A greve das operárias de vestuário

A 4 de Fevereiro 25.000 membros da União Internacional das Operárias do Vestuário abandonaram o trabalho sob a direcção das suas associações, e suportadas largamente, pelas direcções das oficinas já organizadas. Esta greve é única, porque teve a sanção da parte dos fabricantes progressivos que sofrem pesados prejuízos em cada estação devido à concorrência dos contractadores e empregatários.

As principais reclamações das grevistas foram a semana de cinco dias com 40 horas, fixação dum salário mínimo, seguro contra o desemprego, etc.

Esta greve de Nova York também marcou qualquer coisa de novo nas lutas operárias pelo facto de que os «leaders» não procuraram aproveitá-la.

A «troupe» que tratou das negociações em Nova York esteve presentes noutras cidades, com a mesma capacidade, e traíndo invariavelmente os seus sequazes. Não é difícil adivinhar que a razão foi a vasta confraria concentrada em Nova York. Estes parasitas profissionais do movimento operário, desde Green até o de mais ínfima categoria, sabem, apesar-de-tudo, de que lado o seu «pão é barrado com manteiga».

Há um ano, os comunistas tentaram captar o União Internacional, declarando uma greve geral. O pretexto é uma pura invenção, mas a declaração de greve foi o suficiente para causar grande confusão e perda individual de dinheiro a grande número de operários que não quiseram ficar a trabalhar, enquanto outros se punham em greve. Terminou com uma derrota completa, exactamente como toda a greve engendrada pelos comunistas, desde que entraram em campo. Mas não satisfeitos com os seus longos records de fracassos desmoralizadores, eles ainda continuam com os seus motins nas ruas, tal como os fascistas têm sempre feito, e agora declararam outra greve nas fábricas I. L. G. W. U., em Boston, com o resultado usual de darem ocasião à polícia de expandir a sua brutalidade.

Na greve de Nova York, os anarquistas puzeram-se a lutar ao lado dos operários organizados, tomando os seus lugares nos piquetes e não deixaram passar nenhuma oportunidade sem chamar a atenção para o significado destas lutas periódicas destinadas à melhoria da situação.

A pesar-dêles reconhecerem perfeitamente a situação de profunda corrupção da Federação Americana do Trabalho, os anarquistas também sabem que pertencem ao «front» proletário em todas as lutas. Eles têm visto, repetidas vezes, os desastrosos resultados das certas organizações, assim como reconhecem a desmoralização dos actuais dirigentes das existentes organizações. Não obstante, têm eles visto também o carácter dos destruidores dos contingentes da esquerda e, por isso, enquanto na

NA GUARDA

Pela Construção Civil

GUARDA, 10.—Apesar da notícia ultimamente publicada na V. O., os operários locais ainda não se deram ao cuidado de frequentar o seu Sindicato. Parece que não precisam de ser organizados, dando-nos a impressão de que já possuem tudo quanto desejam para viver.

Actualmente, acontece que muitos operários doutros tempos, são hoje mestres, trabalhando as horas que lhes apetece, chegando aconselhar os seus operários a trabalharem o que eles exigem, sob risco de despedimento. Há, mesmo mestrezinhos modelares que chegam aos maiores atropelos, prejudicando os operários e concorrendo para agravar a crise.

Como o horário de trabalho não se cumpre, os operários chegam a estar semanas e semanas sem trabalho. É isto o que acontece a quem não sabe punir pelos seus interesses.

Lembra-vos, camaradas, que trabalhar horas a mais é cavar a vossa própria ruína! Quando vos encontrais sem trabalho o vosso mestre e o vosso patrão que, antes servistes com horas a mais, não vos vão levar a casa para vós e para os vossos filhos! Lembrai-vos disso e sereis mais conscientes e menos cobardes.

A direcção do Sindicato da Construção Civil tem trabalhado para que a lei seja devidamente respeitada. Ainda no dia 24 do p. p. uma comissão, composta por Damião Ferreira da Silva, António Pires, Edmundo Augusto, José Prata, António dos Santos e João Bernardo, se encontraram com o governador civil da Guarda. Expuseram a esse senhor o que se passava, respondendo que sim, que ia tratar de fazer respeitar o horário.

Essa direcção não descurou o assunto. Precisa, porém, que todos os trabalhadores desta localidade a auxiliem, ingressando no Sindicato. —(C.).

Na Associação dos Caixeiros de Lisboa

A Associação dos Caixeiros de Lisboa, realizou no passado domingo uma sessão solene para abertura do ano lectivo de 1930-31 e para distribuição de prémios aos alunos mais classificados do ano anterior.

Na sessão, que foi muito concorrida, usaram da palavra, entre outros, os srs. Ramada Curto e João de Barros.

se possa fazer escolha, entre estas duas forças más, eles nunca participarão na destruição a organizações que levaram muitos anos a formar pelo menos enquanto não apareçam outras coisas melhores no horizonte.

A greve de Nova York foi resolvida em dez dias, mas surgiu um novo obstáculo na recusa dos patrões e contractadores a assinar o contracto previamente combinado. Uma outra greve pode tornar-se necessária para meter ou expulsar do campo da indústria do vestuário certos patrões e empregatários.

Pelo menos, os operários estão resolvidos a trabalhar por que o sistema de escravidão termine na indústria.

Esta greve provou o poder do esforço unificado. Se os trabalhadores continuarem a manter as suas forças intactas não só conseguirão todas as suas reclamações, obtendo uma nova situação para o proletariado em harmonia com a época em que vivemos, mas constituirão uma organização que eventualmente apeará os «leaders» arrogantes e apresentará um sólido «front» contra a depravação criminosa dos lacaios de Muscó, que insistem em destruir tudo que não podem controlar.

Todo o trabalhador deve ler e propagar «A Batalha».

UM ALVITRE

Uma carta e uma ideia

Do conhecido escritor e antigo colaborador de A Batalha, Julião Quintinha recebemos a seguinte carta:

Presados camaradas de «A Batalha»:
Saúdo o grupo de camaradas que fez aparecer A Batalha e formulo votos para que, de semanário, se transforme em diário, como é preciso.

Suponho que é Portugal o único país que não tem um órgão de imprensa diário, para defesa da causa operária.

A organização operária sem imprensa diária é o mesmo do que um gigantesco corpo sem voz ou com a boca emudecida, sem poder pronunciar as palavras dos seus pensamentos, das suas razões, dos seus protestos.

Se é triste o aspecto que oferece o homem mudo, como não ser impressionante a colectividade de boca cerrada!

A imprensa, boa ou má, é sempre uma voz que atravessa o mundo.

E os trabalhadores portugueses não podem ficar silenciosos ante os grandes problemas sociais que no momento, se agitam por toda a parte.

Se 10.000 trabalhadores se inscrevessem com uma acção de 100\$00 (pagável num ano) realizariam o capital de 1.000 contos, o suficiente para lançar um razoável diário. Não há em Portugal 10.000 trabalhadores dispostos a esse sacrifício?!

Eu seria um deles e, embora difícil, não suponho impossível essa realização.

Saudações afectuosas do antigo colaborador:

Julião Quintinha

N. da R.—O alvitre de J. Quintinha é, sobre todos os pontos de vista, interessante, mas, quanto a nós, por agora, irrealizável. Não podemos, na verdade, pensar em pôr em prática tal aspiração do operariado organizado, porque, de momento, há mais urgentes e imperiosas necessidades. A seu tempo pensaremos no assunto. Por agora vai satisfazendo o semanário, embora lutemos com falta de espaço e sintomas, mesmo por outros motivos, a necessidade do diário.

Auxílio à «A Batalha»

Transporte....	2.052\$00
Quete dos descarregadores de Mar e Terra de Almada: Tomás Negácio, 2\$50; Manuel João Marques, 2\$50; Questiano Carloto, 2\$50; José Custódio, 2\$50; António Mendes, 2\$50; José Gomes, 2\$50; Eduardo João Marques, 2\$50; José dos Santos, 1\$00; Manuel Lopes, 2\$00; Augusto Coisinha, 2\$50; Pelágio Moreira, 2\$50; João Moreira, 2\$50; Abel, 1\$00; José Mendes, 2\$50; António Pais, 2\$00; Paulino, 2\$00; Vai à mãe, 1\$50; Miguel Casimiro, 2\$00; Pintasilgo, 2\$00; Correia, 2\$00; Armindo, 2\$50; José Augusto, 2\$50; José Evaristo, 2\$50; Joaquim Nunes, 2\$50; Joaquim Guerreiro, 2\$50; Manuel Gomes, 2\$50; Izidro, 2\$50; António Pereira, 1\$90; António Martins do Carmo, 1\$90; Adeline João Marques, 2\$00; João Sapateiro, 2\$00; Artur Lopes, 2\$00; Mateus, 1\$00; António Francisco, 2\$00; Serafim, 2\$00; António João Marques, 5\$00; Nau Nau, 2\$50; Pedro Matos Felipe, 2\$00—Total.....	83\$80
Marques Reis.....	2\$00
Centro e Biblioteca Estudos Sociais «Os Filhos de Visco»...	2\$50
Maria Pinto.....	10\$00
Secção dos Operários Corticeiros de Odemira.....	20\$00
José da Cruz Belchior.....	5\$00
Rodrigues Estudante.....	2\$50
A transportar...	2.177\$80

NO LUXEMBURGO

Um emigrante italiano enforca-se na prisão

Gino d'Ascanio, emigrado italiano, que em Abril de 1929, matou M. Arcona, Consul Geral da Itália em Luxemburgo, e que ali tinha sido condenado a 15 anos de trabalhos forçados, enforcou-se na prisão em Setembro último.

NO ALTO ALENTEJO

Ouvindo os trabalhadores rurais

(Continuação da página central)

bertaria. Pode a nossa Central envolver abertamente pelo mais amplo caminho da libertação, pode colocar-se na mais arrojada vanguarda da A. L. T. Se alguém protestar, não serão os rurais. Somos libertários por temperamento, por tradição, por história. E, vê lá, como o nosso campo tem sido tão abandonado, apesar destas facilidades dadas!

Entre os rurais do Alentejo o partido político que usurpa o nome de comunista, não conta nada. Nulidade completa. Esse balão da «União Camponesa», a querer usurpar o nome, os direitos dos autênticos rurais, não passa dum balão cativo, preso lá nalgum pausinho de Beja. Apesar de desdenharem da nossa pouca instrução, para cá nós enviaram algumas circulares tendenciosas, que repelimos. O mais engraçado é que à margem duma dessas circulares vinha escrito à pena: «São somos nem comunistas nem anarquistas», ignorando que nós não somos contrários, antes pelo contrário, à tendência claramente libertária. Repudiamos toda a ideia de transformação da sociedade por meios «transitórios» autoritários, mesmo que de uma autêntica ditadura sindical. Ninguém se esqueça que nesta terra de sementeiras várias, a semente anárquica dá-se bem...

—E o que pensam fazer?

—Dispostos a agir, a reorganizar. Mesmo nunca temos estado inactivos. Há terras onde os sindicatos rurais continuam a viver e até a cotizar. Os camaradas das comissões relacionadoras não devem, porém, abandonar-nos. Têm entre nós um campo que seria enorme inépcia abandonar. Precisamos do auxílio de toda a organização. Até aqui, mesmo nas melhores épocas, os sindicatos rurais têm levado vida isolada, espontânea. Têm auxiliado muito a Confederação, mas tem recebido escassa assistência, em comparação com os outros. Sobeja-nos vontade e ideologia libertária. Falta-nos o método para a obra reorganizadora.

A nossa conversa termina. O meu, o nosso interesse está satisfeito. Os meus rústicos amigos regressam às suas terras. Despedem-se de mim com o mais sincero, fraternal e estético ar de satisfação. E eu envio estas linhas para A Batalha, a única nota, talvez, de puro idealismo pairando sobre a feira.

F. O.

A BATALHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:

Série de 10 números..... 3\$00

ÁFRICA:

Série de 20 números..... 8\$00

ESTRANGEIRO:

Série de 20 números..... 11\$00

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o APARTADO n.º 329.

LISBOA

A BATALHA

ASSOCIATION INTERNATIONALE DES TRAVAILLEURS
INTERNATIONAL WORKINGMEN'S ASSOCIATION
INTERNATIONALE ARBEITER ASSOCIATION
ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DEI LAVORATORI

CRONICA INTERNACIONAL

Correspondência que nos fala dos massacres do Japão

Eis a reprodução duma carta de Tóquio sobre os massacres realizados ali, em nome dos sagrados direitos dos economicamente privilegiados:

«Amigos: Na prisão de Akida, na região mais fria do norte do Japão, morreu o camarada japonês Kintaro Uada.

Para o mundo europeu o nome de Uada é novo, mas no coração dos trabalhadores japonezes viverá largamente a sua memória, como a de Furuta e de tantos outros mártires, dos quais se poderá dizer que não morreram.

No primeiro de Setembro de 1923 o Japão foi atingido por terríveis abalos sísmicos. No Tóquio estalou simultaneamente o incêndio em muitos pontos. A espantosa desventura que feria o país fez nascer no pensamento do governo o plano de tomar isso como pretexto para esmagar os movimentos subversivos, desde o coreano opositor ao anarquista, e no dia seguinte ao da catástrofe fez circular, entre os sobreviventes fugitivos da burguesia atemorizada, os rumores de que «os socialistas e os coreanos haviam lançado bombas, incendiado casas, envenenado as águas e os viveres». Estas falsidades caíram em terreno fértil: a burguesia alarmada tratou de defender-se, as organizações militarizadas: «Sociedade Nova», a «Associação dos ex-combatentes» foram mobilizadas. Todos os componentes destas guardas brancas estavam armados de grandes sabres, pistolas e lança-bombas, tendo por objectivo atacar os coreanos e os socialistas.

O primeiro triunfo da horda foi a destruição das habitações de muitos revolucionários e a prisão, seguida de tortura, de muitos outros.

Em 3 de Setembro, na rua Okina foi preso o camarada Harrissana, de 37 anos, secretário da associação operária «Yun Rodo Kumiai», e mais dez operários, que foram levados secretamente ao commissariado de Kumaido, e ali mortos à sabrada. Os seus cadáveres foram logo queimados juntamente com mais doze coreanos assassinados que haviam gritado à hora da morte: «viva o proletariado!»

Em todos os commissariados os presos foram injuriados e maltratados. Os polícias, em grande número, golpeavam as costas das vítimas até que elas perdessem os sentidos. Alguns tiveram que suportar estes suplicios por mais de uma vez. Assim R. Tadeschi, atado com as mãos nas espáduas, foi submergido em água pútrida e encerrado imediatamente no local de detenção de Nahan.

Em 16 de Setembro Sahae Osugi, de 32 anos, redactor do mensário anarquista «Rodo Undo Gha», sua esposa Noe Ito, de 29 anos, conhecida no movimento anarquista japonês e Munekosa Tatschibana; criança de 7 anos, sua sobrinha, foram transportados em automóvel ao comando da gendarmaria e ali estrangulados pelo capitão de polícia Amakosu, o sub-oficial Mori e dois cabos Kamoshida e Horida. Os cadáveres foram despidos e arrojados a um poço e as roupas queimadas para destruir os vestígios. Em 20 de Setembro o assassinio foi descoberto, Amakosu era preso pouco depois, e os polícias exonerados por serem considerados seus autores.

O assassinato de Osugi suscitou naturalmente a indignação do público contra o governo, mas este não soube opôr-se ao massacre dos coreanos e dos socialistas tendo perido alguns milhares de inocentes.

A classe dominante estava há muito tempo preparando o massacre de Tóquio. Três meses depois da morte de Osugi, escrevia Uada em *Rodo Undo*: A autoridade pretende que o assassinato de Osugi deva atribuir-se à iniciativa pessoal do capitão Amakosu e dos seus cúmplices. Esta é uma vulgar mentira. Sabe-se com efeito, que os militaristas incubavam desde alguns anos o desejo de degolar, na primeira ocasião propícia, todos os revolucionários, e que durante esse tempo os comandantes, na sua inspecção às tropas anunciavam: o Estado espera fazer a guerra aos socialistas num futuro próximo...

Dos acontecimentos anteriores se deduz com clareza suficiente, que os assassinatos

VIDA SINDICAL VIDA OPERÁRIA

Comissão Inter-Federal

Na ultima segunda-feira reuniu o secretariado deste organismo, tendo apreendido o seguinte: Ofício da Associação dos Tecelões de Castanheira de Pera relatando os atropelos dos industriais da indústria têxtil contra o horário de trabalho, como noutra local relatamos. Nesse ofício pedem um delegado para tomar parte em uma sessão. Foi resolvido officiar-lhos notificando a nomeação do delegado.

Os mineiros de Aljustrel também comunicam que em virtude de a sua situação não se ter modificado, por motivo dos despedimentos, resolveram dirigir-se, por intermédio de uma comissão composta por mineiros daquela mina e de S. Domingos, ao governo reclamando urgentes medidas atinentes a minorar a crise mineira que vem afectando os trabalhadores do sub-solo de uma maneira assustadora. Foi resolvido nomear um delegado para os acompanhar em Lisboa.

Foi, ainda, apreciado um ofício e um telegrama dos soldados de Setúbal, que pretendem realizar uma conferencia, pedindo um delegado. Foi resolvido pedir informações mais seguras sobre a realização daquele acto. No entanto ficou indicado delegado.

Também se apreciou um ofício do Sindicato Misto de V. Real de Santo Antonio, em que pedia com urgencia o envio dos Estatutos destinados ao funcionamento do mesmo Sindicato, sendo resolvido atender, o mais rapidamente possível, e informá-los das causas da demora.

Além disto foram apreciados outros assuntos de interesse para a organização que oportunamente serão tornados publicos.

Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.—Reuniu o Secretariado que apreciou vários expedientes. Verificou que ainda nenhum dos Sindicatos aderentes enviou qualquer espécie de original para O Gráfico. Resolveu enviar uma circular aos sindicatos aderentes sobre a conveniência da reclamação do salário mínimo e sobre outros assuntos.

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa.—Reuniu a C. A. deste Sindicato. Apreciado vários expedientes e tomou resoluções que se prendem com a vida do sindicato, resolvendo fazer propaganda do sindicato entre a classe e agitar os problemas que mais de perto, lhe interessam.

Sindicato dos Encadernadores e Anexos.—Reuniu a Comissão Administrativa tendo apreciado vários expedientes e resolvendo editar um manifesto sobre a necessidade de a classe se associar. No momento actual quando as nossas regalias não são respeitadas pelo patronato não faz sentido que estejamos desavindos. Esse manifesto falará em várias reclamações, como sejam salário mínimo, cumprimento do horário de trabalho e outras que mereçam atenção.

Associação dos Operários do Município de Lisboa.—Realiza-se na próxima quarta-feira, dia 22 pelas 21 horas prefixas, uma assembleia magna, seguida de assembleia geral para tratar dos vários assuntos que interessam, em geral, à numerosa classe dos operários do Município.

Os operários interessados não devem faltar.

lem massa não partiram da iniciativa pessoal dum individuo, mas do governo que a deu à pressão insistente da classe dominante.

Amakosu, o assassino de Osugi, durante processo foi olhado com consternação pelaourguesia, e reconheceu que elle assassinara por sincero patriotismo. O processo foi uma verdadeira comédia. Amakosu foi condenado em 10 anos, mas em 27 de Janeiro, do ano seguinte reduzida para 3 anos e passado algum tempo concederam-lho clandestinamente a liberdade.

Empregados no Comércio e Indústria

Esta numerosa classe encontra-se, como é fácil supôr, pouco preparada para a luta tremenda que hoje é preciso sustentar para obter qualquer regalia. Não possuindo sentido de organização, nem alcançando o seu valor como elemento de luta, vai permitindo que, no seu seio, os elementos de influencia burguesa atinjam a quasi totalidade. O Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa tem procurado manter um nível orgânico de mentalidade, acima dessa mentalidade geral. Luta, porém, com aquelas dificuldades fáceis de prever, entre as quais avulta o comodismo e aburguesamento da classe.

Ouvimos alguém do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa sobre a vida do seu sindicato e sobre medidas interessando à classe.

«Lutamos com inúmeras dificuldades. Em todo o caso o nosso sindicato tem-se, quanto a horário de trabalho, empenhado numa árdua luta no sentido de serem respeitadas as regalias que ela conquistou:—Assim tem-se esforçado por criar uma atmosfera favorável, tem procurado fazer respeitar a lei de horário de trabalho, indo até junto das autoridades superiores do distrito afirmar o desejo dos empregados no comércio de verem cumprida aquela lei. Os resultados deste esforço, as consequências da nossa acção estão-se sentindo. Tal conquista porém, nem nos deslumbra nem nos envaldece adormecendo-nos sobre os louros da vitória: pois que não satisfaz o que já se conseguiu, e, assim, não descansaremos enquanto não virmos finalmente acatada a lei em questão.

A lei do horário de trabalho é uma das caras regalias da classe; e tanto basta para que este Sindicato esteja vigilante por que as 8 horas de labor sejam um facto inofismado no comércio.

O descanso semanal. Este direito das classes trabalhadoras, e portanto dos empregados no comércio, não é dos que menos tem preocupado o S. E. C. I. L. Bem pelo contrário. E' sabido que o descanso semanal é em Lisboa, nuns bairros ao domingo, noutros às quartas, noutros às quintas; etc.

Espera este Sindicato, pelas demarches que tem realizado, que, dentro em breve, o aludido direito seja uma realidade ao domingo em toda a área de Lisboa.

Caixa de Previdência. Mas não fica por aqui a acção do nosso Sindicato: No seu vasto plano de trabalhos, elle procura atender a todas as necessidades da classe. E nestas circunstâncias, devido à propaganda exercida, foi votada, numa das suas Assembleias Gerais uma proposta para a criação duma Caixa de Previdência, de forma a garantir uma pensão a todos os empregados no comércio, quando estejam no desemprego, doentes, nas prisões, etc., caixa que se encontra em organização.

Férias: se o descanso semanal se impõe como medida higiénica não se impõe menos o goso duma temporada de férias, indispensáveis ao justo equilibrio da saúde e consequentes faculdades de trabalho.

Os nossos colegas dos diversos países da Europa e da América já conquistaram este direito; porque é realmente um direito o de descansar após um aturado ou esgotado labor.

O S. E. C. I. L., compenetrado da grande justiça do conceito de que «só quem trabalha tem direito a descansar» encaminhará a sua acção de forma a materializar esta grande aspiração da classe.

Concluindo—diz-nos o camarada que ouvimos—torna-se indispensável que o empregado no comércio contribua com o seu decidido coneurso; que todos aqueles que mouejam no escritório, ao balcão, no armazém ou na praça etc., nos prestem a sua cota-parte de auxilio moral, material, financeiro e económico. Só assim o Sindicato poderá vencer.

Lêr e propagar «A Batalha» é o derer de todos os trabalhadores.

NA AMÉRICA CENTRAL

A situação económica do proletariado no Equador

Os salários no Equador são excessivamente irrisórios comparados com o custo da vida. Nas fábricas e noutros serviços estão abolindo o regime das oito horas, para trabalharem de empreitada.

Os trabalhadores do campo trabalham nas fazendas, que são verdadeiros feudos, de 12 a 14 horas por um misero salário. Vivem em tugúrios desprovidos de todo o abrigo contra as inclemências do tempo. A anemia e a tuberculose são as suas companheiras inseparáveis

Quanto aos indígenas, ainda se encontram em piores circunstâncias. E' a besta para o trabalho agrícola que dura desde as cinco da manhã até às seis da tarde.

O índio é rebelde, mas as suas faculdades intelectuais, pouco desenvolvidas, contribuem para que os seus movimentos fracassem.

Temem a intervenção do Estado, que os persegue impiedosamente até nas selvas.

O Equador é um dos países da América dos mais atrasados no que diz respeito à evolução social do proletariado.

Em geral, a organização dos trabalhadores ainda não saiu do seu período embrionário.

A desocupação tem agravado bastante a situação. Só em Guayaquil, a capital, com cem mil habitantes, há vinte mil desempregados, ou seja vinte por cento, cifra bastante elevada.

Algumas manifestações de desempregados deram lugar a prisões de militantes operários e à deportação do anarquista Chileno, Camarada Donoso.

A revolução russa também entusiasmou o proletariado do Equador, criando-se então numerosas organizações socialistas, comunistas e alguns simpatizantes do anarquismo.

Apareceram diversas publicações e o movimento teve o seu baptismo de sangue na grande matança de 1922.

As dificuldades do meio ambiente e as questiunculas entre bolchevistas e socialistas, querendo ambos acorrentar aos seus partidos os organismos operários, tudo isso contribuiu para que estes organismos não se desenvolvessem como era mister, num país em que o proletariado precisa defender enérgicamente os seus direitos à vida.

A GRAVURA

A gravura que hoje publicamos deve-se ao desenho dum nosso amigo que sob o pseudónimo Quim illustrou, com belos desenhos, alguns números do Hebdomadário de cultura O Globo. Os nossos agradecimentos pelo seu oferecimento.

Na revista mensal de sciencia, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»